

Ensino Instituição americana não tem salas de aulas e primeira turma de alunos vai passar por diferentes países

Universidade Minerva recebe novo aporte

Beth Koike
De São Paulo

Criada há apenas dois anos, a Universidade Minerva, dos Estados Unidos, está recebendo seu segundo aporte, no valor de US\$ 70 milhões. O interesse dos investidores é pelo modelo da Minerva: as aulas são on-line e não há salas, bibliotecas ou laboratórios próprios.

Setenta por cento do novo aporte vieram de um consórcio formado por três investidores chineses (a empresa de tutores Tal Education, o fundo ZhenFund e a holding Yongjin) e pelo fundo americano de venture capital Benchmark Capital. Este fundo já havia feito um aporte de US\$ 25 milhões na Minerva em 2012 e também colocou dinheiro no Twitter e no eBay, entre outros.

Os demais 30% do aporte, anunciado ontem, virão de outros investidores cujas negociações devem ser concluídas em até quatro meses. Mesmo com a entrada dos novos investidores, o fundador da Minerva, Ben Nelson, continua sendo o maior acionista individual. O modelo pedagógico foi desenvolvido pelo neurocientista americano Stephen Kosslyn, que fez carreira em conceituadas universidades como Harvard e Stanford.

O interesse dos investidores é pelo modelo da Minerva, considerado inovador no setor de

educação, que passando por grande transformação com a chegada da tecnologia.

Na Minerva, as aulas são on-line e não há salas, bibliotecas ou laboratórios próprios. Também não há cursos de engenharia, direito, medicina ou outra profissão específica. Seus alunos escolhem, no segundo ano do curso, uma entre cinco áreas que pretendem seguir: negócios, ciência da computação, ciências sociais, artes e humanidades ou ciências naturais. Após definir uma das áreas, há 25 especiali-

zações como economia e mercado, matemática, estatística, física aplicada, artes e comércio, psicologia e neurociência.

A premissa da Minerva é ser uma universidade menos teórica e mais voltada para o desenvolvimento de habilidades como raciocínio lógico, liderança, trabalho em equipe e tomada de decisão. Por isso, os alunos fixam residência em sete países diferentes durante o curso de quatro anos. As aulas da primeira turma — formada por 30 estudantes de 14 países,

sendo um brasileiro — começaram em setembro em São Francisco (EUA). O processo seletivo recebeu quase 2,5 mil inscrições.

"Se eu tivesse que contratar um aluno de Harvard ou da Minerva, ficaria com o estudante da Minerva porque ele viveu em sete países, tem maturidade, suas habilidades cognitivas foram desenvolvidas", diz o argentino Alex Aberg Cobo, presidente da Minerva para América Latina. Cobo, que fez MBA em Harvard, trabalhou no Deutsche Bank, no Morgan Stanley e em ges-

toras de fundos.

Várias premissas são levadas em conta na seleção dos alunos. Há desde pessoas com QI acima da média até o caso de um rapaz que estudava de manhã e no restante do dia cuidava da mãe doente, sem tempo para atividades extracurriculares. "O senso de responsabilidade, maturidade e comprometimento desse jovem é elevado e este é um dos atributos necessários para a nova realidade do mercado de trabalho", disse Cobo.

O brasileiro aprovado foi o estu-

dante Guilherme Nazareth, de 18 anos, que deixou o curso de engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Os alunos da Minerva ficarão um ano em São Francisco, depois seguem para Berlim e Buenos Aires. Nova York e Londres devem fechar o curso. O Brasil foi um dos países pesquisados e ainda há possibilidades de a Minerva montar uma unidade por aqui. O custo anual para estudar na universidade é de cerca de US\$ 28 mil.